



PSICANÁLISE

Jacques Hassoun

# Os contrabandistas da memória

**Blucher**

▲ Série  
*Dor e Existência*

OS  
CONTRABANDISTAS  
DA MEMÓRIA

Jacques Hassoun

Tradução

Gabrielle Bley Volpe

Revisão da tradução e revisão técnica

Miriam Ximenes Pinho-Fuse

Título original: *Les contrebandiers de la mémoire*, de Jacques Hassoun

© éditions éres, 2011

*Os contrabandistas da memória*

© 2023 Editora Edgard Blücher Ltda.

Editora Edgard Blücher Ltda.

Série Dor e Existência, organizada por Cibele Barbará,

Miriam Ximenes Pinho-Fuse e Sheila Skitnevsky Finger

*Publisher* Eduardo Blücher

*Editores* Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim

*Coordenação editorial* Addressa Lira

*Produção editorial* Ariana Corrêa

*Tradução* Gabrielle Bley Volpe

*Preparação de texto* Ana Maria Fiorini

*Diagramação* Negrito Produção Editorial

*Revisão de texto* MPMB

*Capa* Leandro Cunha

*Imagem da capa* *Gezicht op de tempelruïnes te Philae bij Aswan* (1859),

de Willem de Famars Testas, via Wikimedia Commons

## Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

*Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,

julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Hassoun, Jacques

Os contrabandistas da memória / Jacques

Hassoun ; tradução de Gabrielle Bley Volpe ; revisão

da tradução e revisão técnica Miriam Ximenes

Pinho-Fuse – São Paulo : Blucher, 2023.

146 p. (Série Dor e Existência)

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-753-8

Título original: *Les contrebandiers de la mémoire*

1. Psicanálise 2. Memória (Filosofia) 3. Tradição

(Filosofia) I. Título II. Volpe, Gabrielle Bley III.

Pinho-Fuse, Miriam Ximenes

23-2265

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

# Conteúdo

Introdução	33
1. Charlotte ou os efeitos de um silêncio	45
2. Um sintoma atual	49
3. Entre “sem pátria” e “excesso de pátria”	59
4. Uma identidade simples... fragmentada... complexa	77
5. O preço da liberdade	89
6. Do <i>bled</i> ao Bled... a história reconstituída	97
7. Abandonar para encontrar	107
8. Construir uma transmissão	113
9. Uma ética da transmissão	131

Agradecimentos 139

Referências 141

# 1. Charlotte ou os efeitos de um silêncio

Charlotte Salomon, judia nascida em Berlim, refugiada em Nice, *inicia sua vida*, conforme relata, aos 23 anos, na primavera de 1940. Escutemo-la:

*Minha vida começou quando minha avó tentou se suicidar, quando fiquei sabendo que minha própria mãe havia se suicidado assim como praticamente toda a sua família, quando soube que eu era a única sobrevivente e senti em mim mesma, profundamente, a mesma sensação, o mesmo gosto do desespero e da morte. Disse a mim mesma: “Ou bem me mato ou faço algo totalmente maluco e extraordinário”. A guerra estava em curso... eu estava sentada à beira-mar e sondava o coração dos homens. Eu era, ao mesmo tempo, minha mãe, minha avó e todas as pessoas que aparecem em minha peça.*

As circunstâncias dessa série de terríveis revelações são descritas por Charlotte: seu avô, que acabara de assistir a tentativa de

suicídio de sua mulher, lhe revela uma série de verdades escondidas até o momento. Sua mãe, que ela acreditava ter morrido de gripe, havia se suicidado, assim como sua tia Charlotte Grünwald, irmã mais nova de sua mãe, e de quem ela porta o mesmo nome, assim como seu tio-avô. E “o pior tinha se passado com a mãe de sua avó, que tentou se matar durante oito anos”, acrescenta ele...

Seu avô – que acaba de revelar esta série de mortes trágicas, as verdadeiras circunstâncias da morte de sua mãe e o fato de ela carregar o mesmo nome de uma suicida a respeito da qual nada sabia – diz à jovem que chora sobre um mundo “partido em pedaços”: “Basta de conversa! O que está esperando para se matar também? Se mate!” – “*Sich das Leben nehmen*” (que podemos escutar também como “Tome sua vida”).<sup>1</sup>

É então que Charlotte começa a viver. Na urgência, na corrida contra sua própria morte, ela mergulhará na pintura. Em dois anos ela pinta em 748 guaches, uma peça de teatro, *A vida ou o teatro?* (*Das Leben oder das Theater?*) na qual ela reconstitui a trajetória de sua existência, começando por um guache em que representa sua tia, Charlotte Grünwald – a quem nomeará Knarre, aquela que “deixa a casa dos pais para se jogar na água”.

Porque, na verdade, sua história começa por meio dessa jovem morta e cujo nome ela carrega... prática comum que pode revelar-se brutal se não estiver sustentada por alguma palavra.

Até esse momento de sua vida – no silêncio dos avós e depois de seus pais –, Charlotte havia sido essa suicida. Ela havia vivido até então entre a vida e a morte, constantemente impactada pelo que lhe acontecia, por seus desesperos enigmáticos, por seus vínculos passionais por qualquer um que a amasse, enfim, por um sentimento de ilegitimidade que a fazia rejeitar aqueles que a

---

1 Esta nuance do alemão me foi sinalizada por Claude Sahel. [N.A.]

reconheciam. Ela testemunhava o silêncio que havia precedido a origem mesma de sua vida e da escolha de seu nome. Tudo, ao longo de sua existência, não passara de um enigma.

Nada havia podido fazer das perdas sofridas durante sua infância e adolescência: nenhum trabalho de luto poderia ser efetuado no lugar de uma história familiar que lhe havia sido transmitida com meias verdades ou mentiras e que, portanto, a havia engolfado em um luto sem fim de uma profunda melancolia.

Ao se dedicar a essa produção artística, Charlotte Salomon iria, portanto, se autorizar a criar o objeto de uma busca da qual ela nada sabia, mas que não era menos presente no horizonte de seu pensamento.

Por meio dessa obra monumental ela reconstituirá aquilo que não lhe foi transmitido. Ordenará os eventos marcados por um mutismo abissal, arranhando de passagem aqueles “alemães de fé mosaica”<sup>2</sup> que não celebram outra festa a não ser o Natal... durante a qual cantam em coro o *Heilige Nacht*.<sup>3</sup>

Essas 748 guaches ajudariam Charlotte Salomon a constituir para si um tesouro: aquele da transmissão de uma história conservada em silêncio.

Foi então que Charlotte Salomon pôde reviver, prosseguir sua obra pictórica e artística, encontrar o homem de sua vida e não mais substitutos parentais que ela amava apaixonadamente no lugar de uma mãe ausente e de um pai omissivo.

Foi então que ela pôde se casar e, para seu grande assombro, engravidar.

---

2 Para dar provas de seu indefectível e verdadeiro vínculo ao *Vaterland*, os judeus alemães se declaravam “alemães de fé mosaica”. [N.A.]

Fé mosaica: devoção aos preceitos e rituais estabelecidos por Moisés. [N.R.T.]

3 Em português, “Noite feliz”. [N.R.T.]



É, portanto, nesse momento que a História, para a qual ela jamais fora preparada, a alcança: fazendo pouco caso de precauções, ela volta para sua cidade, L'Ermitage, em Villefranche, onde ela e seu marido foram capturados como judeus. Denunciados em 21 de setembro de 1943, foram deportados para Auschwitz, onde pereceram logo que chegaram, em 12 de outubro do mesmo ano.

Destino trágico, mas que me permite dizer que Charlotte Salomon, antes de ser destruída pela História, conseguiu constituir a partir da única palavra simbolizante que encontrou, a *Sich das Leben nehmen* de seu avô, uma transmissão que lhe havia faltado cruelmente.

A clínica nos ensina cotidianamente que tais silêncios têm um papel primordial na dificuldade para viver de que padecem os filhos dos judeus deportados, os filhos ou netos dos sobreviventes do genocídio armênio, os descendentes dos torturados das guerras de independência, em suma, todos aqueles que experimentaram a História na sua mais extrema ferocidade.

Filhos de carrascos... filhos de vítimas... cada um – de modo diferente, certamente – presa do segredo de uma origem perturbadora, de uma interrupção na trama de uma história familiar saucudida por eventos históricos. Órfãos de uma palavra, sofrem na carne um luto impossível de efetuar e uma dificuldade de construir um romance familiar que lhes permita se projetar no porvir. Esta trágica hiância na transmissão exige dos pais, por mais doloroso que possa ser, colocar em palavras aquilo que lhes aconteceu (suicídios, mortes violentas ou interrupções brutais da História) a fim de fazer as pazes com suas próprias trajetórias biográficas e de reconstituir para sua descendência uma trama que a história familiar ou social havia profunda e prolongadamente saqueado.

## 2. Um sintoma atual

A experiência trágica de Charlotte Salomon nos permitirá, recorrendo a um desvio histórico, tratar a transmissão como uma necessidade ditada pelas mutações que se fazem presente nos valores tradicionais.

Como fazer para que um adolescente de hoje entenda o entusiasmo suscitado durante décadas pela epopeia revolucionária inaugurada pela Rússia dos soviéticos em 1917? Como transmitir o que estava em jogo nas lutas que dilaceraram, em plena guerra civil, os campos antifranquistas? Como representar para eles a aliança do Poum (Partido Operário de Unificação Marxista)<sup>1</sup> que proclamava o trotskismo (sem o reconhecimento do próprio Trótski) e da CNT-FAI (Confederação Nacional dos Trabalhadores, membro da Federação Anarquista Internacional), forçados a combater juntos (apesar de seus desacordos) ao mesmo tempo contra o franquismo e contra os stalinistas? Como fazer para

---

<sup>1</sup> Poum foi um partido marxista espanhol fundado em 1935 em Barcelona. [N.T.]

que compreendam a ligação entre Durutti (o anarquista), Andrés Nin (o trotskista), ou La Pasionaria (a comunista), agora que as ideologias que eles portavam parecem obsoletas, se não objeto de rechaço?

Como dar consistência ao personagem de André Marty<sup>2</sup> – “o rebelde do Mar Negro” –, que se opôs à intervenção naval da França contra a jovem república dos soviéticos, para ser em seguida chamado de “o açougueiro de Albacete” pelos revolucionários trotskistas e anarquistas espanhóis, e que terminará seus dias excluído das fileiras do Partido Comunista Francês como “traidor” (de Stálin)?

Tão ou mais inconsistentes que aquelas das Guerras Napoleônicas, essas imagens tremulam, se enfraquecem, se apagam à medida que a língua parece de repente se descarrilar. Uma geração desconcertada ouve serem nomeados “conservadores” os antigos comunistas e “democratas” aqueles que eram habitualmente chamados de “reacionários”.

Outros eventos, na falta de serem historicizados e retidos pela memória francesa, parecem sofrer do mesmo estranhamento: como evocar aqueles que deitaram nos trilhos diante dos trens que levavam o contingente a Marselha e à Argélia para combater a revolução argelina? Como invocar o apelo dos intelectuais à insubordinação, no momento em que o racismo antimagrebino<sup>3</sup> parece dominar a paisagem política francesa?

Essas dificuldades em transmitir o entusiasmo ou em entender aquilo que a língua significa revela o que chamamos um *sintoma*

---

2 André Marty (1886-1956) foi uma figura importante no Partido Comunista Francês (PCF) por quase trinta anos. [N.T.]

3 Magrebe ou Magreb é a região noroeste da África que inclui Marrocos, Argélia e Tunísia e ainda Mauritânia e Líbia. [N.R.T.]

*atual*, um sintoma nascido do acontecimento, da atualidade, que marca o sujeito no ponto onde seus emblemas e suas idealizações parecem profundamente emaranhadas.

Ou, para voltar a Charlotte Salomon, poderíamos nos perguntar se sua condição não era a de herdar dos pais uma profunda perplexidade. Seria mesmo tentador declarar que a aparente incoerência dessa família de alemães de fé mosaica<sup>4</sup> havia contribuído para provocar o tremor de seu próprio ser...

Que o Natal, com seu cortejo de cânticos luteranos entoados em família, seja a única festa que ela reteve da sua história familiar não quer dizer nada para Charlotte – que consideramos aqui um personagem emblemático desses filhos nascidos de famílias que denominamos “assimiladas” –, tal fato representará fatalmente uma fonte infinita de sofrimento.

Em resumo, ela veio dessas famílias que, ao persistirem em se reproduzir numa notável endogamia, integraram lenta, insensível e inexoravelmente o conjunto da cultura dominante, até mesmo nas suas manifestações culturais, até mesmo nos seus excessos nacionalistas.

O historiador da mística judaica Gerhard (mais tarde conhecido como Gershon Sholem) não nos conta que foi intimado por seu pai, mediante carta registrada (a exemplo do que aconteceu com seu irmão Werner, que havia se tornado social-democrata), a deixar seu domicílio familiar em Berlim no dia em que se declarou hebreu e pró-sionista?<sup>5</sup>

---

4 Cf. nota 2 do capítulo “Charlotte ou os efeitos de um silêncio”, p. 47. [N.A.]

5 Quanto ao irmão mais velho, Reinhold, ele persistirá até o fim nas tendências assimilativas de seu pai e entrará para o Deutsche Volkspartei, que depois será o Deutschnationale (Partido da Direita Nacionalista). Em 1938, viu-se forçado a imigrar para a Austrália. Aos 80 anos, em um encontro com G. Sholem,

Essa diluição das manifestações identitárias fortemente ancoradas em convicções religiosas ou particularistas, clamadas por Clermont-Tonnerre<sup>6</sup> ou pelo abade Grégoire<sup>7</sup> durante a Revolução Francesa, jamais produziu realmente perturbações graves suscetíveis de afetar profundamente o sujeito. Além do mais, essas rupturas foram consideradas uma maneira de se liberar dos assujeitamentos às práticas obsoletas ou consideradas como tais pelo sujeito projetado na modernidade.

A partir do momento em que a Cidade deixou de se tornar teológica, que a religião do Estado desapareceu em benefício da laicidade, que uma crença passou a ser considerada tão válida quanto outra, e que um signo de igualdade consagrou a relação dos habitantes da Cidade, independentemente de quais fossem suas origens próximas ou longínquas, o pertencimento étnico ou comunitário cessou de representar um baluarte, um casulo no interior do qual uma dita minoria se recolheria para preservar os emblemas que teriam recebido como herança.

Em resumo, cada um podia juntar à sua maneira os fragmentos de uma história transmitida com sua inserção na Cidade. Cada um poderia ali viver sua vida social e afetiva, e perpetuar por meio de si, no seio familiar, os ritos e costumes transmitidos de geração em geração. Alguns os faziam na sua integralidade; outros, fragmentando o monólito da tradição, mantendo uma ou outra cerimônia,

---

declarou: “Eu sou um *Deutschnationaler*”. Diante da surpresa de sua família, exclamou: “Eu não deixarei Hitler me ditar meu pertencimento”. [N.A.]

- 6 Stanislas Marie Adélaïde, o conde de Clermont-Tonnerre (1747-1792) foi um nobre, oficial militar e político francês durante a Revolução Francesa. [N.R.T.]
- 7 Henri Grégoire, também conhecido como Abade Grégoire (1750-1831), foi um padre católico francês e grande defensor das minorias. Um dos primeiros a exigir a abolição da escravatura junto à Assembleia defendendo não só os direitos dos negros, como também dos judeus, dos mulatos e dos habitantes das colônias. [N.R.T.]

rendendo uma última homenagem a um passado levemente tingido pela nostalgia.

Os laços que se sustentavam em uma integração realizada sem maiores danos – ao menos na Europa Ocidental – permitiam que, de forma insensível, o que era considerado relevante da fé ou do particularismo deixasse de representar aquilo que devia a qualquer custo ser preservado. A partir do momento em que medidas impostas pelo mundo exterior, como a obrigação de viver em guetos, de usar uma marca distintiva ou de não ter acesso à cidadania, deixaram de representar um imperativo vital, o refúgio no grupo ou na comunidade se tornaria caduco.

Bom ano, mau ano, durante todo um século este modelo de integração iria perdurar. A questão da transmissão não se colocava. Ela encontrava soluções nos interstícios de uma sociedade que não havia descoberto as “virtudes” da exclusão, ou que ao menos reservava seus demônios para seus territórios colonizados de além-mar, mantendo a Europa longe de uma rejeição massiva de um ou outro componente de sua população.

Para além disso, o atrativo da modernidade foi tal que pouco a pouco morar em Paris ou em Berlim, em Londres, em Viena ou em Amsterdã bem valia abandonar o dialeto bretão ou o occitano, o frisão ou o suábico, o galego ou o escocês, bem valia declarar obsoleto o apego a tal manifestação religiosa excessivamente espetacular ou a tal exibição de fidelidade comunitária considerada muito ostentatória. Era o tempo em que os judeus do Oeste europeu consideravam o ídiche como um “jargão infame” e durante o qual toda manifestação de apego regionalista era qualificada como provincialismo. De agora em diante, as redes de solidariedade tradicional, as cumplicidades de então entre grupos minoritários, só subsistiriam sob formas menores.

A profunda e sincera fidelidade ao Estado era a principal preocupação, enquanto o pertencer aos grupos se tornou claramente secundário, se não reduzido à sua expressão mais simples.

E, ainda, cada um desses grupos foi tentado, no enquadramento mesmo de velhas alianças comunitárias, a angariar novos cidadãos ao país que lhes acolhia. Esse foi o caso dos israelitas franceses da Aliança Israelita Universal, que, implantada no conjunto da bacia do Mediterrâneo e do Império Otomano, dá a França e a seus ideais republicanos milhões de crianças judias... Essa Aliança entra em concorrência feroz com sua equivalente alemã, localizada nos Balcãs e na parte asiática do Império Otomano, a qual, por sua vez, sonhava com a germanização dos jovens búlgaros (os pais de Elias Canetti foram representantes desses judeus judeo-espanhóis germanizados), sérvios, macedônios, turcos ou iraquianos... Durante esse tempo, na Europa Central e Oriental, no seio dos impérios centrais e czaristas, no centro mesmo das lutas nacionais, grupos inteiros antes definidos somente pela religião se destacam dela para forjar para si uma nova cultura, com sua rede de escolas, de jornais, de sociedades de intelectuais...

Em suma, na Europa Ocidental, as minorias antigas, os habitantes das províncias de um passado cultural mais ou menos prestigioso, mais ou menos magnificado, mais ou menos idealizado, se identificam com uma única cultura: aquela forjada em torno de um ideal de cidadania.

É nessa perspectiva que se dava a transmissão de emblemas antigos, sem que se colocassem em termos de sofrimento ou de obrigações internas a tal ou qual comunidade.

A margem era suficientemente importante para que qualquer sujeito pudesse encontrar seu lugar mais ou menos próximo, mais ou menos distante, de tal ou tal outro centramento nacional.

Mas quando chega o tempo da ruptura, o tempo do Caso Dreyfus<sup>8</sup> ou da ascensão do nazismo e dos fascismos centro-europeus, é então que aquilo que parecia evidente, que parecia fazer parte integrante do sujeito, se apresentaria como expressão de uma enorme mentira.

Não que os ideais da República ou do acesso à modernidade tenham sido construídos com base em negações, mas a ruptura provocada pelas ideologias de exclusão ao criar diferenças no interior do mesmo corpo social, no lugar das supostas fidelidades étnicas ou pertencimentos comunitários, suscitaria profundas modificações de um lado e do outro dessa linha, até então puramente virtual, que, assumindo de repente os ares de uma linha de demarcação e de fratura no seio da sociedade, dividirá a Cidade entre minorias e maiorias, as últimas devolvendo as primeiras à sua estrangeiridade.

É quando o minoritário se verá obrigado a responder: “Quais provas suplementares posso dar para tornar o meu pertencimento ao *Vaterland*, à doce França, à Itália imortal, à gloriosa Grã-Bretanha... ainda mais crível?”. “Impossível”, lhe responde o excludor, “jamais poderás dar provas de teu pertencimento porque declaro que somente e sempre contou para ti o teu pertencimento étnico”.

É quando, na falta de um pensamento político coerente – mas não seria a ideologia de exclusão feita para suspendê-lo? –, o desespero vai ocupar todo o campo conceitual, levando alguns ao suicídio (“dei tudo a essa mãe ingrata, só me resta morrer”) e outros a uma dor infinita por terem sacrificado as antigas fidelidades a esse

---

8 O Caso Dreyfus foi um assunto de Estado que durou cerca de doze anos e polarizou a sociedade francesa no final do século XIX em torno da acusação de traição feita injustamente contra o capitão Alfred Dreyfus, um judeu de origem alsaciana, em um contexto político e social propício ao antisemitismo e ao revanchismo à Alemanha. [N.R.T.]



Estado incapaz de cumprir suas promessas, incapaz também de interditar tais regressões assustadoras na direção de um pensamento tribal. É nesse momento que a questão da transmissão vai se colocar como o inverso de *uma falta de...* (cidadania, integração...).

A *transmissão* enquanto *ausência de...* se manifesta como um desvelamento daquilo que faltou às gerações precedentes.

É assim que pequenos atos da vida cotidiana se revelam como insuportáveis incoerências que a criança fará entrar em ressonância com outros silêncios, com outros não ditos de maior gravidade.

Que Charlotte Salomon seja um nome herdado de uma tia suicida sem nenhuma palavra acerca dessa filiação simbólica, que ela tenha sido atravessada por uma séria de mulheres que se suicidaram e que isso tenha sido transmitido no mais absoluto silêncio até a brutal revelação de seu avô, parece haver-lhe permitido, paradoxalmente, a liberação de uma fragilidade extrema. É importante notar que, ao mesmo tempo que recupera a sua história de infância ao pintá-la, ela retrata também esse rasgo enigmático que as Leis de Nuremberg haviam provocado.

Excluída de uma história familiar, de uma história nacional, aquela inaugurada por Mendelssohn, essa dupla exclusão revelada por meio dos *suicídios* vai introduzi-la, pela via da arte, à transmissão. Ela vai, por conta própria, reconstituir aquilo que havia *lhe faltado*.

Em resumo, tais quadros deram a ela a possibilidade de recriar passo a passo uma história pessoal para dela poder se apropriar. É como filha e neta de suicidas que ela vai, para curar-se, transmitir à geração seguinte seu percurso singular, capturado no silêncio parental e na incoerência de uma família e igualmente de um grupo humano, que, como seus compatriotas, não podiam imaginar o alcance de uma destruição em curso que esmagaria a todos.

Não nos surpreende que muitos judeus condecorados com a cruz de ferro de primeira classe da Grande Guerra (1914-1918) tenham preferido se suicidar.

Tampouco nos surpreende que muitos intelectuais antinazistas, desesperados com os signos anunciadores da destruição da cultura alemã, tenham escolhido tirar suas próprias vidas.

Ao destruir as leis da Cidade, as regulamentações nazistas a conduziram ao estado de barbárie. Tudo o que havia sido transmitido até aquele momento foi ceifado pela incoerência, até o ponto em que parecia não haver mais nada a ser transmitido daquilo que havia representado para um conjunto de gerações um ideal de vida.

Pois não nos enganemos: uma geração que é submetida a um semelhante desastre pode considerar ter atingido um limite tal que não lhe permite vislumbrar mais nenhum futuro.

Essa via aparentemente sem saída suscitou nas gerações seguintes, nascidas daqueles que sobreviveram à destruição, uma perplexidade que não poderá se exprimir senão em termos de negação dessa página da história inaugurada pela Revolução Francesa e que sofreu um eclipse na Europa de 1933 a 1945. A partir daí, seus *descendentes* tentarão recorrer a um passado que já se foi há várias décadas (senão vários séculos) e que eles adornarão com todas as virtudes para melhor coincidir com esse lugar que a barbárie havia designado a seus pais: a condição de estrangeiro.

“As línguas de contrabando são um pouco de tudo isso: elas são queridas, adoradas, são propriedade daqueles que se creem seus depositários. Elas são uma música, uma melodia, um embalar; são invocadas ou convocadas para consolar ou para sustentar grandes indignações, sagradas e ridículas indignações.

Escondidas do olhar alheio, parecem ter mais relação com o olho que vê do que com o ouvido que escuta.

Mas o contrabandista é raramente consciente daquilo que porta. Ele é como um fraudador que, quando chega na alfândega, se dá conta com horror de que carregava, com toda *boa intenção*, mercadorias que de pronto, sob o olhar indignado ou inquisidor do outro, se revelam proibidas.

Contrabandista sem o saber, esse homem não usa jargões, mas em sua escritura aparecem, como com Albert Cohen, que escrevia em francês – e com que elegância –, elementos de uma língua que há muito não se usa mais. Assim, como filigranas, o natural de Corfu ou o crioulo, o parisiense de Belleville ou o italiano, o alsaciano, o espanhol ou o árabe, vêm marcar com seu selo um estilo, dotando-o de um perfume incomparável.

Desse modo, tal literatura, ou deveríamos dizer toda a literatura, irá carregar nas páginas mais sublimes ou nas mais banais, nas mais preciosas ou nas mais clássicas, paisagens e perfumes, barbarismos e os termos em desuso que testemunham e palpitam com vivacidade esta coisa atapetada no mais profundo da nossa subjetividade: a língua do contrabando.”

*Jacques Hassoun*

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-753-8



9 786555 067538



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Os contrabandistas da memória

---

Jacques Hassoun

ISBN: 9786555067538

Páginas: 146

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023

---